

Universidade de São Paulo
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”
LES-237 - Sociedade Cultura e Natureza
Prof. Paulo Eduardo Moruzzi Marques

A1: “Mudanças de Atitude nas Relações entre os Sexos” - Norbert Elias.

No capítulo “Mudanças de Atitude nas Relações entre os Sexos” do livro *O Processo Civilizador*, Norbert Elias trata, por exemplo, das transformações das relações sexuais do passado aos dias de hoje. Antigamente, na Idade Média, o sexo era algo natural e fluído na sociedade. Abertamente, temas em torno do sexo eram falados com crianças, diferentemente do que ocorre atualmente, pois há uma grande dificuldade em falar sobre relações sexuais com as crianças. Com efeito, o processo civilizador é responsável pelo crescimento de um sentimento de “vergonha”.

A propósito, em 1522, Erasmo publicou *Colóquios*, livro no qual trata diversos temas que foram excluídos dos olhares infantis em razão do processo de civilização. Seu livro foi destinado para meninos nobres a fim de orientar seus comportamentos a partir de um conteúdo de conversas para a educação sexual. Este livro teve críticas logo quando lançado ao seu conteúdo “intelectual” de um “homem que nem era protestante ortodoxos nem católico rigoroso”. Porém seu conteúdo “moral” (no que se refere, por exemplo, à corte de um homem a uma moça, à reclamação de uma mulher sobre seu marido e ao diálogo entre um rapaz e uma prostituta) não foi motivo de críticas nesta época. Sua maneira franca de escrever não causava maiores embaraços.

Em relação ao homem cortejando uma moça, Erasmo salienta o pedido do primeiro para que imaginem ambos como rei e rainha. A partir desta fantasia, a moça aceita se tornar esposa do rapaz, mas preservará sua virgindade até o casamento, mesmo diante das insistências sexuais de seu enamorado.

Já no diálogo da mulher que reclama da má conduta do marido, é sugerido que ela deve antes mudar seu comportamento para que posteriormente o cônjuge também mude. No último caso tomado como exemplo, a conversa do rapaz com a prostituta termina com uma condenação do indecoroso estilo de vida desta última.

A propósito, em meados do século XV, a prostituição era reconhecida como um serviço ou uma profissão qualquer. Em Berna, o imperador agradeceu publicamente o magistrado local por haver colocado o prostíbulo a sua disposição, bem como aos seus acompanhantes, gratuitamente, por três dias. No século XVI, um grupo de prostitutas procurou a prefeitura de

uma cidade alemã para reclamar e denunciar outro prostíbulo que estaria atuando ilegalmente, uma vez que seu bordel tinha uma exclusividade legal. Dessa forma, foi permitido que as prostitutas reclamantes entrassem no prostíbulo concorrente para tudo destruir.

A situação social de uma prostituta era equivalente àquela de um carrasco, baixa e desprezada, contudo pública. Hoje, ao redor do mundo muitos países consideram a prostituição como um ato ilegal. No Brasil a prostituição é legalizada, contudo não é regulamentada. Assim, atividades organizadas em prostíbulos e lenocínios são consideradas ilegais. Para o filósofo Michael Sandel (2012), há coisas que o dinheiro compra, contudo não deveria, pois as decisões de ambas as partes de um contrato devem sempre ser voluntárias e com consentimento. Assim, afirma que enormes injustiças podem ser cometidas quando alguém vende algo em condições de grave necessidade econômica, pressionado pela pobreza e pela fome. É o que acontece hoje no Brasil, onde as mulheres não escolhem ser prostitutas por opção de prazer ou vontade, mas sim como solução econômica. Trata-se de um ambiente de trabalho em condições desumanas. A pressão para uma mulher se prostituir para se manter economicamente e sobreviver é oriunda em grande medida das condições que o sistema capitalista impõe atualmente.

Mas voltando ao século XV, eram considerados casados o casal em seu leito nupcial nus, com a presença de testemunhas, para que o casamento fosse considerado válido. Com o passar do tempo, o casal deixou de deitar nu. Depois, não foi mais necessária a presença de testemunhas no quarto nupcial. O aumento da vergonha é cada vez maior, o que permite explicar estas mudanças de costumes.

Ainda sobre o casamento, Elias menciona que, apesar da monogamia ser uma instituição predominantemente reguladora das relações sexuais no Ocidente, seu grau de controle varia muito conforme a época. Apesar de proibidos, os relacionamentos extraconjugais até o século XVI não eram vistos como motivo de vergonha na sociedade. Assim, os filhos destes relacionamentos conviviam na mesma casa que aqueles legítimos do casamento, não havendo diferença entre ambos. Com o passar do tempo, estas relações extraconjugais passaram a ser símbolo de desonra para a família, principalmente quando a protagonista é a mulher.

Aos poucos, a sexualidade vai se tornando um tabu na sociedade, sendo abordado com constrangimento e inibição, principalmente quando se trata do tema com crianças, ainda mais meninas. Em sua obra *“Educação para Meninas”*, publicada em 1857, Von Raumer propõe um modelo a ser ensinado às jovens, onde o autor sugere que “as crianças devem ser

deixadas por tanto tempo quanto for possível na crença de que um anjo traz para a mãe os bebês”.

Por outro lado, segundo Elias, o processo civilizador não segue uma linha reta. Porém, o impulso sexual, visto em escalas amplas, é cada vez mais contido, paralelamente com outros impulsos ao longo deste processo. Assim, o controle das relações sexuais se torna mais rigoroso, devido a pressões principalmente das instituições familiares. Desta maneira, a sexualidade se torna cada vez mais confinada, tornando a família nuclear a instância principal para cultivar o controle dos impulsos e do comportamento dos jovens.

No estágio de civilização do século XXI, é muito difícil encontrar livros para crianças que tratem das relações sexuais abertamente, pois a sexualidade é considerada como tema impróprio para uma criança.

De fato, ainda há resquícios de ideias do século XIX na educação sexual de crianças e no papel da mulher nos dias de hoje. Assim, considera-se que cabe aos familiares (principalmente as mães) proporcionar tanto para meninas, quanto para meninos, ensinamentos sobre o sexo. A diferença que pode ser considerada é que a sociedade do século XXI trata o tema de forma mais aberta, existindo propostas avançadas de educação sexual nas escolas. Hoje há uma tendência favorável a discutir com maior amplitude e senso crítico este tema, mesmo que existam ainda muitas resistências.

Sobre a luta das mulheres por seus direitos, os casos dos debates sobre o aborto e a desigualdade salarial entre homens e mulheres são reveladores dos desafios do movimento feminista. Por outro lado, é importante observar que a maioria das bancadas de representação política é constituída por homens brancos, que ocupam finalmente o lugar das mulheres, sem conhecer profundamente seus problemas. A luta pelos direitos das mulheres acompanha a linha histórica da humanidade, variando de acordo com o lugar e o tempo. Diferenças religiosas, políticas, culturais tornam esta luta mais ou menos difícil.

De todo modo, podemos elencar muitas conquistas de direitos pelas mulheres nas últimas décadas, tais como: direito de voto, de expressão, de trabalho, de independência financeira, de participação na política, e de escolher sobre seu próprio futuro. Trata-se de uma luta por equidade de direitos entre homens e mulheres. Assim, o movimento feminista busca a igualdade de gênero nas organizações sociais e uma maior conscientização das pessoas em relação aos problemas femininos (principalmente entre a população masculina).

Referências

SANDEL, Michael (2012), *O que o dinheiro não compra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.